

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO

RAFAELA REZENDE CUNHA

**VARIAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS COM BASE NA LÍNGUA PADRÃO
ENCONTRADA NO DICIONÁRIO**

ITABAIANA/SE
FEVEREIRO/2018

RAFAELA REZENDE CUNHA

**VARIAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS COM BASE NA LÍNGUA PADRÃO
ENCONTRADA NO DICIONÁRIO**

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em 2018, pela
Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Orientadora: Prof^a. Me. ou Dr^o. Daisy
Mara Moreira de Oliveira.

ITABAIANA/SE
FEVEREIRO/2018

**VARIAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS COM BASE NA LÍNGUA PADRÃO
ENCONTRADA NO DICIONÁRIO**

Itabaiana, _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Ma. Daisy Mara Moreira de Oliveira – Orientadora
Universidade Federal de Sergipe – UFS

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu bondoso Deus, que me capacitou e me sustentou durante toda a minha caminhada. Agradeço aos meus pais pelo apoio desde sempre, ao meu marido pelo companheirismo e por me dá assistência sempre que precisei. Agradeço aos meus queridos professores, desde as séries iniciais até ao atual momento, em especial a minha orientadora Daisy Mara pela dedicação e paciência. E por último, mas não menos importante, a todos os amigos que conheci durante esse percurso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1. AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS	09
1.1-O que é a variação e seus tipos	09
1.2- Variações diatópicas	12
1.3-Fatores que influenciam as variações	12
2- LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS	15
2.1-Conhecendo a LIBRAS	15
2.2. - Variações linguísticas na LIBRAS	17
3- COLETA DE DADOS DO NOSSO ESTUDO COMPARATIVO.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as variações linguísticas (diatópicas) decorrentes na Língua Brasileira de Sinais através de um estudo comparativo entre a língua padrão estabelecida no dicionário de LIBRAS e dois livros de estudos diferentes (Sul e Sudeste). Dessa forma, alguns teóricos foram fundamentais para o desenvolvimento da nossa pesquisa, Bagno (2007), nos instruiu acerca das variações linguísticas, enquanto Veloso e Filho (2009), Brandão(2011) forneceram os dados necessários para a construção de nossa análise. Em nossa metodologia utilizamos o método estruturalista, visto que, estudamos as variações decorrentes na língua brasileira de sinais, também se trata de uma pesquisa qualitativa. Nossa análise se deu através de um estudo comparativo entre as variantes existentes na LIBRAS dos estados Sul e Sudeste, dessa forma ressaltamos que assim como qualquer outra língua, a LIBRAS possui um sistema linguístico complexo, é completa em sua totalidade, embora seja uma língua de modalidade visual espacial também sofre variações.

Palavras-chave: variação linguística, língua de sinais, variação diatópica.

ABSTRACT

The present work aims at analyzing the linguistic (diatopic) variations resulting in the Brazilian Sign Language through a comparative study between the standard language established in the LIBRAS dictionary and two different study books (South and Southeast). Thus, some theoreticians were fundamental to the development of our research, Bagno (2007), instructed us about the linguistic variations, while Veloso and Filho (2009), Brandão (2011) provided the necessary data for the construction of our analysis. In our methodology we use the structuralist method, since, we study the variations arising in the Brazilian language of signs, it is also a qualitative research. Our analysis was based on a comparative study between the LIBRAS variants of the South and Southeast states. In this way, we point out that, like any other language, LIBRAS has a complex linguistic system, it is complete in its entirety, although it is a language of spatial visual modality also suffers variations.

Keywords: linguistic variation, sign language, diatopic variation.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está voltada para o estudo sobre a variação na Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. O interesse pelo tema surgiu através da disciplina de língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, obrigatória na grade curricular do curso de Letras Língua Portuguesa. Foi nosso primeiro contato com LIBRAS, mas o suficiente para despertar em nós a simpatia e o desejo de aprofundar nessa língua que é reconhecida oficialmente como segunda língua do nosso país através da Lei nº 10.436/2002. No entanto, ainda é pouco estudada, principalmente no que diz respeito a sua variação, pois assim como a língua oral ela está a todo momento sujeita a mudança.

A LIBRAS é uma língua, e ao contrário do que muitos pensam não está relacionada a mímica, ao gesto, ela possui todos os níveis estruturais de uma língua. É usada por uma comunidade específica (surdos) que assim como nós possui a necessidade de comunicar-se, para isso faz-se uso dessa língua de sinais, que não difere em nada das outras línguas de modalidade oral. A única coisa que difere da língua oral-auditiva é a sua forma de representação, enquanto a oral-auditiva faz uso das palavras, a língua de modalidade visual-espacial faz uso de sinais.

Segundo Ferreira (2010, p. 36) *“a LIBRAS é um sistema linguístico que se constrói a partir de regras, distanciando-a dos gestos naturais e das mímicas que não possuem restrições para a articulação”*, ou seja, ela é composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, possui sua gramática e sintaxe própria como qualquer outra língua. Ainda como vemos em Gesser (2009, p. 33) *“A língua de sinais tem estrutura própria e é autônoma, ou seja, independente de qualquer língua oral em sua concepção linguística”*. Sendo assim, podemos afirmar que essa língua nunca foi e nem é apenas gestos, possui características completas e próprias de uma língua.

A língua de sinais não é universal, no Brasil temos a Língua Brasileira de Sinais, em Portugal tem a língua Gestual Portuguesa, em Angola existe a Língua Angolana de Sinais, e assim por diante, pois cada país possui sua própria língua. E dentro de um país uma língua não é falada da mesma forma em todos os lugares, há variações.

Veremos que na LIBRAS também há uma padronização imposta pelos dicionários, mas que é usada de acordo com a necessidade do indivíduo, por isso

sofre modificações. Porque a língua escrita tende a obedecer regras para adentrar à norma culta, possui uma padronização, já a língua falada tende a ter como principal objetivo a comunicação, a interação, a troca de saberes, e desde que haja diálogo, que entenda-se o que foi falado, seu uso está correto, até mesmo porque segundo Lyons (2016) a língua falada possui um sistema mais básico do que a escrita.

Usamos nossa língua conforme a necessidade que temos em nosso dia a dia, e às vezes não requer formalidade, já com a escrita é diferente, ao escrevermos procuramos aproximarmos o máximo das regras que seguem nossa língua. Na escrita há uma forma padrão, para a fala também, mas essa concepção vem mudando, e com a ajuda de alguns estudiosos como Marcos Bagno (2007), Brasil (2002), (autores que usamos para construir nossa pesquisa, e que esclarecem sobre as variações que a língua sofre) podemos mostrar que a língua mesmo sendo única (em um país, para um determinado povo) é falada/usada de formas diferentes, em diferentes lugares.

Temos como objetivo geral do presente trabalho apresentar as variações linguísticas (diatópicas) decorrentes na Língua Brasileira de Sinais, através de um estudo comparativo entre a língua padrão estabelecida no dicionário de LIBRAS (Bradão 2011) e dois livros (Filho e Veloso 2009; Frizanco e Honora 2009), de estudos diferentes (Sul e Sudeste). Tendo como objetivos específicos: identificar as variações linguísticas, e os fatores que influenciam nessas mudanças; também refletir sobre a língua de sinais que foi reconhecida por meio da Lei nº 10.436/2002, como a língua das comunidades surdas brasileiras; e ainda observar através de uma pesquisa bibliográfica as variações diatópicas (regionais) existentes nessa língua.

A nossa pesquisa se fundamenta em métodos de procedimentos, que segundo Rodrigues (2011, p. 245) *“constituem etapas mais concretas de investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos e menos abstratos.”* Eles se relacionam não com o plano geral do trabalho, mas sim com suas etapas específicas. E em nosso caso faremos uma pesquisa bibliográfica com base nos livros “Aprenda LIBRAS com Eficiência e Rapidez”, Filho e Veloso (2009) e “Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desenvolvendo a comunicação usada pelas pessoas com surdez”, Frizanco e Honora (2009). Dessa forma, também é utilizado o método estruturalista, visto que, iremos estudar essa língua e suas variações, por isso também podemos dizer que é qualitativa. Sendo assim, o nosso instrumento de coleta de dados será feito a partir

do método comparativo, iremos fazer uma análise observando as diferenças entre alguns sinais da LIBRAS em diferentes estados, Sul e Sudeste. Esclarecemos ainda que a escolha por esses estados se deu pelo fato de termos apenas dois exemplares disponíveis de ensino da língua destas localidades, ambos trazem figuras de forma elucidativa, a fim de mostrar como funciona essa língua, inclusive o dicionário disponível para fazermos a comparação com a língua padrão é do estado do Sudeste.

Os autores que mais contribuíram para as pesquisas feitas foram: Quadros e Karnopp (2004) nas questões da língua e da linguagem; Ferreira (2010) no que envolve o sistema linguístico da LIBRAS; Bagno (2007) a cerca das variações linguísticas, como se dá esse processo; Gesser (2009) com relação a LIBRAS, suas crenças e seus aspectos; Rodrigues (2011) na estrutura e esclarecimento da metodologia, Filho e Veloso (2009); Frizanco e Honora (2008) e Brandão (2011) fundamentais na construção da coleta de dados de nossa pesquisa.

A nossa pesquisa se justifica porque é importante estudarmos sobre uma língua pouco mencionada, que embora usada há muito tempo no Brasil poucos são os linguistas que se dedicou a estudá-las. Embora, os falantes dessa língua sejam pessoas surdas, ou seja, usuários de uma língua espaço visual, ela possui sua sintaxe própria e é viva, sujeita a mudanças. E é sobre essas mudanças que iremos estudar.

Podemos dizer que no Brasil a língua de sinais não é falada da mesma forma em todos os lugares, como observaremos no decorrer da apresentação da pesquisa. Na realização desse estudo sentimos dificuldades quanto ao material disponível, são poucos livros, poucas pesquisas que abordam sobre as variações que ocorrem nas línguas, por isso, enfatizamos a importância do nosso trabalho, estudar mais sobre essa língua que para muitos passa por despercebida, a fim de divulgar na comunidade acadêmica algo relevante agregando o desejo de outros a serem levados à pesquisa.

O nosso estudo se divide em três capítulos, no primeiro capítulo trataremos sobre a variação linguística, e um tipo específico de variação, a diatópica. Em nosso segundo capítulo iremos decorrer sobre a LIBRAS, quando foi sancionada, o que a torna uma língua, sobre seus aspectos, sua estrutura e ainda sobre as variantes presente nessa língua de modalidade visual. Ainda no terceiro capítulo faremos um estudo comparativo com a língua padrão do dicionário. Iremos ver que alguns sinais

são diferenciados dependendo do estado, da região do falante. E por fim, traremos as conclusões a respeito das variedades encontradas na pesquisa bibliográfica.

1. AS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS

Nesse primeiro capítulo daremos ênfase ao estudo da variação linguística, o que vem a ser, e o que causa essa transformação na língua. Estudaremos sobre um tipo de variante presente nessa língua: a variante diatópica, que é aquela que varia de acordo com a região em que o falante vive, para um melhor entendimento traremos alguns exemplos dessa variante no português, e em nosso próximo capítulo mostraremos exemplos na LIBRAS. Vale ressaltar que obtivemos mais facilidade no estudo das variações linguísticas na língua portuguesa, devido a facilidade maior em encontrar autores que tratem sobre esse assunto nessa língua, enquanto que, na língua de sinais existe uma carência em relação a esse estudo.

Mesmo morando em um país com uma única língua oral, podemos perceber as alterações que a língua sofre. Isso acontece porque a língua é heterogênea, viva, está em constante mudança. Nós falantes possuímos uma linguagem própria, isso dependendo da comunidade em que estamos inseridos. Pode acontecer desde região para região, até de comunidade para comunidade.

Nesse capítulo pretendemos abordar sobre as variações linguísticas, que segundo Bagno (2007) é o resultado de um processo histórico próprio, com suas alterações e seus acontecimentos particulares, e ainda segundo Tarallo (2006) são diversas maneiras de dizer a mesma coisa e com o mesmo valor de verdade. E discorrer sobre um tipo de variação presente na língua: a variante diatópica, (regional). Bem como sobre os fatores que influenciam nessa variação presente em toda língua.

1.1. O que é a variação e seus tipos

Nós enquanto seres vivos necessitamos nos comunicarmos com outras pessoas, e essa comunicação pode se dar através de palavras (faladas, escritas) ou através dos sinais, como os usuários da LIBRAS fazem. E para que essa comunicação aconteça fazemos uso de uma língua (a que fomos expostos ao nascermos, ou a que adquirimos conforme nossas necessidades), e mesmo falantes de uma única língua (pessoas de um mesmo país) falamos “diferentes”, que é o que chamamos de variação linguística, isso pode acontecer entre grupo de pessoas pertencentes a uma determinada região, estado, cidade, ou até mesmo entre um único indivíduo que modifica seu modo de falar de acordo com a situação em que se encontra. Vejamos o que diz BAGNO (2007, p. 15) “*Ora, a verdade é que no Brasil,*

embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade.” Ou seja, mesmo sendo usuários de uma única língua, essa língua apresenta uma rica diversidade, variedade, podemos observar que Brasil (2000, p. 20) também concorda com o autor citado ao afirmar:

“A linguagem é constructo e construtora do social e gera a sociabilidade. Os sentidos e significados gerados na interação social produzem uma linguagem que, apesar de utilizar uma mesma língua, varia na produção e na interpretação.”

É importante reconhecermos que toda língua está sujeita a variação, seja ela oral ou visual, e isso se dá porque a língua é viva, ou seja, é usada, está ativa, então ela sofre alterações de acordo com a necessidade do falante. Todo ser humano está apto para desenvolver uma linguagem, vejamos o que diz MARCOS BAGNO (2007 p. 124):

Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira. A língua materna não é um saber desse tipo: ela é adquirida pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite materno. Por isso qualquer criança entre os 3 e 4 anos de idade (se não menos) já domina plenamente a gramática de sua língua.

Ao nascermos somos expostos a uma língua (a língua pertencente ao nosso país) quer seja ela oral, o português, ou visual, a LIBRAS. Diante do que foi exposto podemos observar que Bagno (2007) nos fala sobre poder de adaptação e competência que temos sobre a língua que nos é exposta desde o nascimento. E ainda que o falante de sua língua materna não erra ao se comunicar com ela porque não é um saber que aprendemos com a prática, com o treino, é um saber que já nascemos com uma estrutura própria para adquiri-lo. Sentimos a necessidade de interação, de comunicar-se com o outro e essa troca de saberes será desenvolvida de qualquer jeito, seja através da fala, oral, ou do visual.

Usamos nossa língua materna conforme nossas necessidades para nos comunicarmos, expressarmos ideias, sentimentos. Essas formas de uso da linguagem faz com que a mesma passe por variações, vejamos alguns tipos de variantes que ocorrem dentro da linguagem, BETINE apud CORISEU (2003, p. 122):

Coseriu determina quatro tipos de variantes Linguísticas: as diatópicas, que dizem respeito às variantes regionais do uso da língua; as diastráticas, que concemem às variantes de uso de diferentes grupos sociais de falantes; as diafásicas, que dizem respeito às variantes em situações de uso formal ou informal do discurso; e as diacrônicas, que concemem às diferenças Linguísticas que, em um determinado grupo, aparecem em decorrência da faixa etária dos falantes. As variantes diatópicas são geográficas, as variantes diacrônicas são históricas e as variantes diastráticas e diafásicas, sociais.

Essas variações se dão devido tanto a necessidade do falante (como já mencionado) de se expressar, e essa expressão/interação se dá de formas diferentes dependendo do lugar onde esteja, como pelo tempo, que faz com que palavras caiam em desuso, e surgem outras para substituir. Em nossa pesquisa estudaremos mais detalhado apenas sobre a variante diatópica, pois o material que temos disponível em LIBRAS nos dá subsidio apenas para essa variante.

É importante ressaltarmos aqui a diferença que há entre a língua falada e a língua escrita. Usamos a língua para nos comunicarmos, e essa comunicação nem sempre acontece da mesma maneira, porque depende do momento em que usamos a fala, o meio e a situação podem interferir na linguagem, por isso ocorrem às variações, que é uma adaptação que fazemos com linguagem de acordo com nossas necessidades. Mas quando se trata da escrita, as variantes não são aceitas, isso porque há uma padronização, existem regras a serem seguidas. Vejamos o que nos diz Bagno (2009) sobre a língua falada e a língua escrita:

A língua falada é que é a verdadeira língua natural, a língua que cada pessoa aprende com sua mãe, seu pai, seus irmãos, sua tribo, seus grupos sociais etc. Ela é que é a língua viva, em constante ebulição, em constante transformação. [...] A língua escrita, evidentemente, tem um papel tremendo na história da humanidade [...]. Mas ela sempre será secundária, pois é assim desde o início da aventura do ser humano sobre este planeta: a escrita tem somente 10.000 anos, enquanto a espécie humana vem falando há pelo menos um milhão de anos! Além disso [...] muitas pessoas não têm conhecimento da escrita, e nem por isso a língua delas deixa de ser

um material valiosíssimo para a compreensão das regras de funcionamento da linguagem humana. BAGNO (2009, p. 24)

Dessa forma entendemos que a língua falada mesmo com suas variações (porque como vimos na fala do autor, é uma língua viva, em constante ebulição, em constante transformação) e longe de haver uma padronização é tão importante quanto a língua escrita.

1.2- Variações diatópicas

Veremos um pouco sobre as variações diatópicas que também podemos chamar de variante regional. Entendamos agora o que são variantes diatópicas

Diatópicas são as que ocorrem devido às diferenças regionais, a expressão típica de cada região. Ou seja, a região em que se vive “determina” seu modo de falar, o seu dialeto, que varia de acordo com a cultura e o local. Tomamos como exemplo a palavra “mandioca”, em algumas regiões recebe nomes diferentes, como “aipim”, “macaxeira”, o mesmo acontece com outras palavras como em biscoito ou bolacha, canjica ou curau, isso não só acontece com palavras, mas também com expressões que são típicas de cada região.

A linguagem é usada de acordo com o grau de entendimento e necessidade do falante, e esses falantes em sua maioria fazem parte de um grupo social que aderiram a um tipo específico de linguagem. Brasil (2000, p. 18) afirma o seguinte: *“A interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa. Esse princípio anula qualquer pressuposto que tenta referendar o estudo de uma língua isolada do ato interlocutivo.”* Ou seja, o contato, a relação com outras pessoas é o que dá “vida” a linguagem. A linguagem em si não “mudaria” sozinha, nós falantes que fazemos isso. E isso se enquadra para qualquer falante de qualquer língua, independente da língua ser oral ou visual (LIBRAS), veremos mais adiante que também há variações nessa língua, embora sua modalidade seja visual.

1.3-Fatores que influenciam as variações

Vimos que toda língua passa por processos de modificações, porque nós falantes, usuários de uma língua, também passamos por esse processo, e isso se faz necessário para o nosso desenvolvimento. Não é somente a língua que é

heterogênea, nós também somos, e produzimos uma linguagem de acordo com a nossa necessidade. Vimos também sobre as variantes diatópicas, estudaremos veremos agora os fatores que contribuem para esse tipo de variação.

Primeiro devemos novamente ressaltar que uma língua não é falada de forma idêntica pelos seus usuários, há uma forma padrão, tanto para a fala, quanto para a escrita. E em ambos (fala e escrita) possuímos nossa identidade que nos distingue, porque somos diferentes uns dos outros, esse é um fator considerável para justificar a variação em uma língua. Podemos observar isso em Brasil (2000, p. 22) “*O uso da língua só pode ser social e o social, longe de ser linear, leva a intrincadas redes de significações. De qualquer forma, o sujeito que produz a linguagem é único, bem como a situação de produção.*” Para o autor citado a língua reflete a experiência em ação, as emoções, os desejos, as necessidades, a visão do mundo.

Para as variantes diatópicas podemos destacar fatores como a região onde se vive.

2- LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS –LIBRAS

Neste capítulo abordaremos especificamente sobre a LIBRAS e sua origem, seus aspectos, e seu reconhecimento oficial como segunda língua, afim de que possamos conhecer melhor o objetivo de nossa pesquisa. Falaremos ainda sobre as variantes linguísticas presentes nessa língua de modalidade visual-espacial.

2.1-Conhecendo a LIBRAS

A LIBRAS foi reconhecida por meio da Lei nº 10.436/2002, como a língua das comunidades surdas brasileiras. No seu artigo 3º, dispõe que essa língua deve ser inserida como disciplina obrigatória no curso de formação de professores para o exercício do magistério, seja em nível médio ou superior.

É importante abordarmos sobre a LIBRAS pelo fato de que é ainda pouco divulgada e nosso país. E o pouco conhecimento que a sociedade possui a respeito da mesma, ainda é distorcido. Isso por acharem que trata-se apenas do português na modalidade manual, como vemos em FELIPE e MONTEIRO (2007, p. 20):

Muitas pessoas creditam que a Libras é o português feito com as mãos, na qual os sinais substituem as palavras desta língua, e que ela é uma linguagem como a linguagem das abelhas ou do corpo, como a mímica. Entre as pessoas que acreditam que a Libras é realmente uma língua, há algumas que pensam que ela é limitada e expressa apenas informações concretas, e que não é capaz de transmitir idéias abstratas. Esses mitos precisam ser desfeitos porque a Libras, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da Língua Portuguesa, uma língua de modalidade oral-auditiva, que utiliza, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua.

Toda língua é peculiar, mas segundo Felipe e Monteiro (2007) elas possuem semelhanças que as caracterizam e a identificam como uma língua e não linguagem. Porque como vimos linguagem é um sistema de comunicação, um sistema de sinais que usamos para interagir com o nosso semelhante. A língua possui uma estrutura própria que a define e a identifica. Para Felipe e Monteiro (2007) uma das semelhanças entre as línguas está em sua estrutura, porque todas elas são formadas a partir de unidades mínimas a mais complexas, os níveis

linguísticos, fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. Todas as línguas possuem seu estudo particular, mas todas procedem de uma mesma estrutura. A LIBRAS, embora seja de modalidade diferente, também possui essas estruturas, uma sintaxe própria, pois é complexa como qualquer outra língua, e através dela seus usuários podem expressar seus anseios, emoções, como vemos em (FELIPE; MONTEIRO 2007, p. 20):

Pesquisas sobre as línguas de sinais vêm mostrando que estas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Estas línguas expressam idéias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utilizá-la com função estética para fazer poesias, contar estórias, criar peças de teatro e humor.

As línguas orais possuem as palavras e seu estudo lexical, as línguas de sinais, são denominadas de sinais, o que difere essas línguas são suas modalidades. Diante da expressão do autor podemos entender que a LIBRAS é uma língua completa, que consegue atender as demandas, necessidades de seu publico, os surdos, esses conseguem perfeitamente comunicar-se entre si. Para Felipe e Monteiro (2007, p. 21) *“os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo.”* Vejamos o que diz BRADÃO (2011, p.7)

A LIBRAS constitui um sistema de linguagem eficiente na transmissão de ideias, conceitos, e fatos. Assim como as demais línguas, possui estrutura gramatical própria, de caráter visual-motor, em que sinais são usados como palavras. Os sinais são compostos de um ou mais gestos, construídos a partir da combinação entre a forma e o movimento das mãos com o ponto no corpo ou no espaço onde os gestos são executados.

Apesar dessa língua ser constituída de sinais, a LIBRAS é completa e eficiente na comunicação, em que o falante pode perfeitamente expressar suas ideias, seus anseios, suas opiniões, seus sentimentos com facilidade. Capovilla e Raphael (2009) também abordam de modo simples e interessante sobre essa língua, vejamos CAPOVILLA e RAPHAEL (2009, p. XXXV):

A língua de sinais apresenta riqueza gramatical, pois apresenta todos os níveis de análise da linguística. Mas não é somente nesse sentido que ela é considerada *completa*. Ela dá conta das representações dos surdos de forma específica. Ela capata o diferente que é determinado pela experiência visual. A língua de sinais é fundamental para as comunidades surdas. É o que conecta os surdos, é o que os torna comuns, é o que garante a compreensão e a expressão de ideias, sentimentos e representações. Essa língua torna *possível* o uso da linguagem por prazer de forma criativa, de forma *perfeita*. Assim, permite que a conversa jogada fora, que a reflexão e que a própria análise seja *leve* e *suave*. Ao descobrir e adquirir a língua de sinais, os surdos sentem-se, de fato, *aliviados* e *tranquilos*, pois ela abre as portas do mundo para os surdos de forma fácil. Além de tudo isso, ela é *belíssima*.

Podemos observar na fala dos autores que, além da LIBRAS ser uma língua rica gramaticalmente, ela também funciona como uma “identidade” para os surdos, pois essa língua é o que os mantém conectados com o mundo, que os tornam pessoas comuns capazes de levarem uma vida normal e socializar-se com os demais seres. Vejamos o que os autores CAPOVILLA e RAPHAEL (2009, p.XXXVI) ainda falam sobre as línguas de sinais:

As línguas de sinais são um sistema linguístico visoespaciais das comunidades surdas nativas de todo o mundo. Elas não são línguas inventadas, mas evoluem naturalmente à medida que as pessoas surdas congregam-se em grupos, usualmente a partir das escolas. As línguas de sinais não são internacionais, já que normalmente as pessoas surdas têm um contato relativamente limitado com outros países. Portanto, cada país tem pelo menos uma e, às vezes, várias línguas de sinais culturalmente únicas, com vocabulários ricos e múltiplas variações dialetais.

Nesse trecho notamos que os autores enfatizam o fato das línguas de sinais não serem inventadas, e sim uma evolução que ocorreu naturalmente à medida que a comunidade surda foi tendo necessidade. É um sistema linguístico visual espacial com um vasto e rico vocabulário, cujo sistema linguístico é completo.

2.2. - Variações linguísticas na LIBRAS

A língua é um instrumento de comunicação, e nós seres humanos necessitamos dessa para nos comunicarmos, e essa comunicação pode ser oral ou através dos sinais, como a Língua Brasileira de Sinais, que possui todos os aspectos de uma língua, inclusive no que diz respeito as variações linguísticas que todas essas sofrem. Vejamos o que nos diz GESSER (20009, p. 39-40)

Dizer que todos os brasileiros falam o mesmo português é uma inverdade, na mesma proporção em que é inverdade dizer que todos os surdos usam a mesma LIBRAS. Afirmar essa unidade é negar a variedade das línguas, quando de fato nenhuma dela é uniforme, homogênea. A variação pode ocorrer nos níveis fonológico (pronúncia), morfológico (palavras) e sintático (sentenças) e estão ligadas aos fatores sociais de idade, gênero, raça, educação e situação geográfica. Assim, os surdos adultos e adolescentes variam em seus sinais, da mesma forma que os surdos cerenses, paranaenses, cariocas...

Diante da expressão do autor observamos que as línguas elas variam, isso independe de sua modalidade. Nossa língua nativa é o português, mas nem todos os brasileiros falam da mesma forma, o mesmo sucede com as línguas de sinais que segundo Gesser (2009, p. 12) *“evoluiu como parte da cultura de um povo surdo”*, esse povo assim como todos os seres vivos diversificam seu modo de falar dependendo da região, do lugar, ou até mesmo do momento em que se encontra. Vejamos ainda uma abordagem de GESSER (2009, p. 40-41) sobre as variantes na LIBRAS:

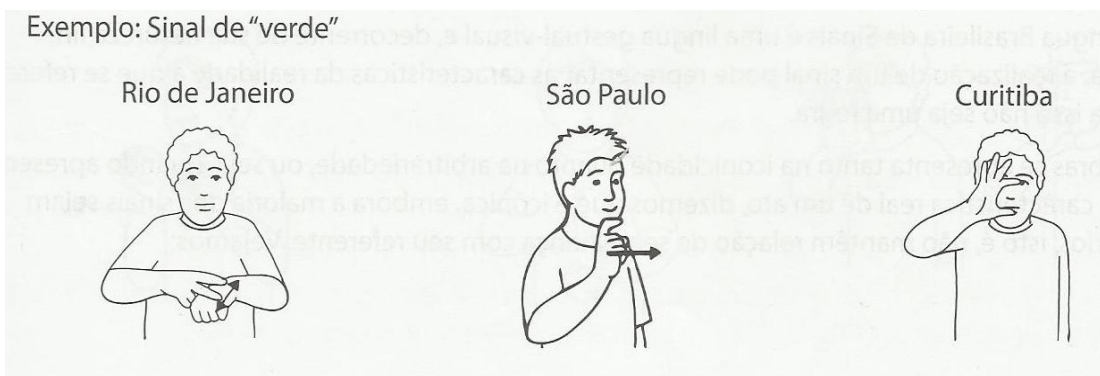
A língua de sinais, ao passar, literalmente “de mão em mão”, adquire novos “sotaques”, empresta e incorpora novos sinais, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens. O fenômeno da variação e da diversidade está presente em todas línguas vivas, em movimento. É justamente nas práticas sociais de uso da linguagem entre surdo/surdo e surdo/ouvinte que é possível enxergar o multilinguismo (variedades desprestigiadas em sinais, em português, em combinação de modalidades), dos ouvintes familiares (ou não) de surdos, dos surdos catarinenses, paulistas, pernambucanos..., ou seja, *as várias línguas em LIBRAS*.

Diante da afirmação do autor podemos dizer que a LIBRAS assim como qualquer outra língua, é viva e está em função do usuário, ou seja, é usada de acordo com a necessidade do ser humano, esse por sua vez, é complexo, interativo, vive em constante mudança, e essa mudança reflete na maneira de falar. Por isso que temos diferentes variantes, porque nós usuários de uma língua, vivemos em diferentes regiões, diferentes grupos, diferentes classes e até diferentes momentos. Mas como apresentado em nosso primeiro capítulo estudaremos apenas sobre as variantes diatópicas (regional). A região a qual pertence, a comunidade em que vive, o grupo ao qual se relaciona, a profissão, são alguns fatores que contribuem para que ocorra variações no modo de falar. Segundo FRIZANCO e HONARO (2010, p.14):

As variações demonstram um modo de agir e pensar em um determinado grupo social ou período histórico, e também ajudam a conhecer mais sobre os sujeitos que utilizam esta língua e quais as manifestações existentes para sua construção e utilização.

Ou seja, o falante pode ser definido ou classificado pelo seu modo de falar, a nossa língua é nossa identidade, nossa cultura, a principal características de nós seres humanos é a linguagem, essa é nosso reflexo, e como somos seres distintos desde a antiguidade, essa linguagem passa por processos de adaptações, sofre alguns ajustes, que são justamente essas variações. Vejamos alguns exemplos de variantes presentes na LIBRAS propostos por Frizanco e Honora (2010):

Esse é um exemplo de variante diatópica, também conhecida como regional, o sinal “verde” é feito com configurações diferentes, em cada região.



MAS



<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=9&idart=129>

Nesse exemplo podemos ver que a conjunção adversativa “mas” é representada com sinais diferentes nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba. O sentido do sinal não muda, o que mudou foi a configuração usada para representar esse sinal.

3-COLETA DE DADOS DO NOSSO ESTUDO COMPARATIVO

Nesse capítulo apresentaremos nossa coleta de dados justificando assim a veracidade da nossa pesquisa. Fizemos uma pesquisa bibliográfica, observamos os sinais apresentados nos livros de Veloso e Filho (2009) do estado de Curitiba/PR, região Sul do país (como o material que tínhamos em mãos era xerocado, optamos por tirar o print da versão em DVD, disponível no youtube) e no estado de São Paulo, região Sudeste do país, Frizanco e Honora (2009), juntamente com a língua padrão, Brandão (2009), do mesmo estado. Pudemos perceber que alguns sinais variam dependendo do estado, possuem movimentos, configurações diferentes. Segundo HONORA e FRIZANCO (2010, p. 16) *“Da mesma forma que temos nas línguas orais pontos de articulações dos fonemas, também temos na língua de sinais pontos de articulações que são expressos por toques no corpo do usuário ou no espaço neutro.”* Nas línguas orais a variação se dá através das palavras, já nas línguas de sinais a palavra não muda porque não existe fonema em LIBRAS, o que muda/varia são os parâmetros usados para representar a palavra.

Para entendermos um pouco mais sobre a estrutura linguística da língua de sinais, vejamos o que as autoras abordam sobre os parâmetros dessa língua: configuração de mãos (CM): é como usamos nossas mãos, as formas que fazemos; (PA): é o lugar onde a mão fica; movimento (M): é o movimento que fazemos com as mãos, o deslocamento, não são todos os sinais que vão ter movimentos. Exemplo: o sinal “sábado” (CM): “C” e “S”, (PA): frente a boca, (M) abrir e fechar. Há também a orientação ou direcionalidade (O/D): a direção que o sinal vai ter, pode ou não haver orientação; por fim, expressão facial/e ou corporal (EF/C): a expressão que faz-se ao fazer alguns sinal, de dor, choro, ao fazer uma pergunta. Vejamos agora nossos exemplos, mas antes entendamos como as imagens foram apresentadas. São dez exemplos de variantes diatópicas encontradas na Libras, as primeiras imagens dos exemplos são dos sinais feitos na região do Sul, estado Curitiba/PR (vamos tratar assim nos exemplos), as segundas imagens dos exemplos referem-se a formas como os sinais são feitos na região Sudeste, estado São Paulo (iremos nos referir ao estado nos exemplos), em seguida traremos em cada exemplo uma terceira imagem, essa refere-se ao sinal feito também na região Sudeste, estado São Paulo, e é a língua/sinal padrão imposto no dicionário. Veremos que os sinais do estado de São Paulo não sofrem nenhum tipo de alteração em relação a língua padrão,

imposta pelo dicionário, não há variação por se tratar do mesmo estado, o dicionário que usamos também é do estado de São Paulo. Vejamos:

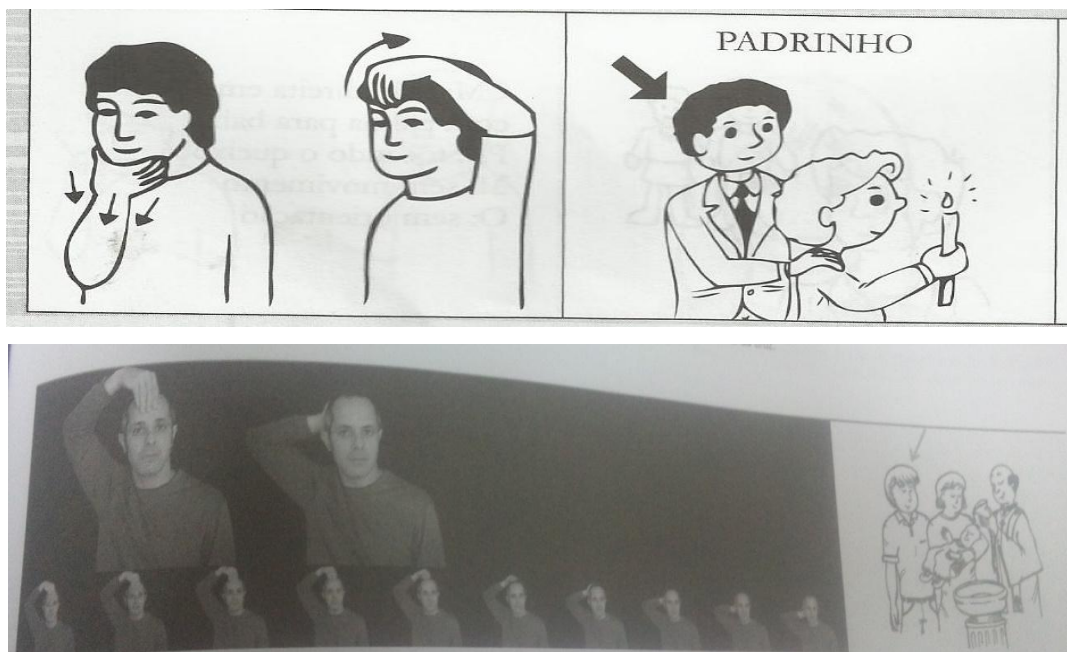
Exemplo 01: sinal “padrinho”

Em Curitiba/PR para fazer esse sinal, primeiro faz-se o sinal de homem, CM: em “C” palma para baixo, PA: tocando abaixo do queixo, M: afastar, O: para baixo; em seguida faz-se a CM: mão direita com a palma aberta, PA: tocando o ombro esquerdo.



<https://www.youtube.com/watch?v=6kGQIF7Cm4c>

Em São Paulo para fazer este sinal primeiro também deve-se fazer o sinal de homem CM: em “C” palma para baixo, PA: tocando abaixo do queixo, M: afastar, O: para baixo; em seguida a CM: a mão com pontas dos dedos unidas e palma para dentro, PA: tocando a testa, M: raspando, O: para trás.



Nesse exemplo podemos perceber que a variação ocorreu a partir do segundo passo que faz-se para compor a sinal de padrinho. Em ambos estados faz-se no primeiro passo o sinal de homem, em seguida vemos que cada estado tem sua forma de representar o outro passo. Nesse caso muda tanto a configuração das mãos, quanto ao ponto de articulação, e o movimento, no estado de Curitiba não há, apenas põe-se a mão sobre o ombro, enquanto em São Paulo há movimento e orientação/direcionalidade.

Exemplo 02: sinal “idoso/velho”

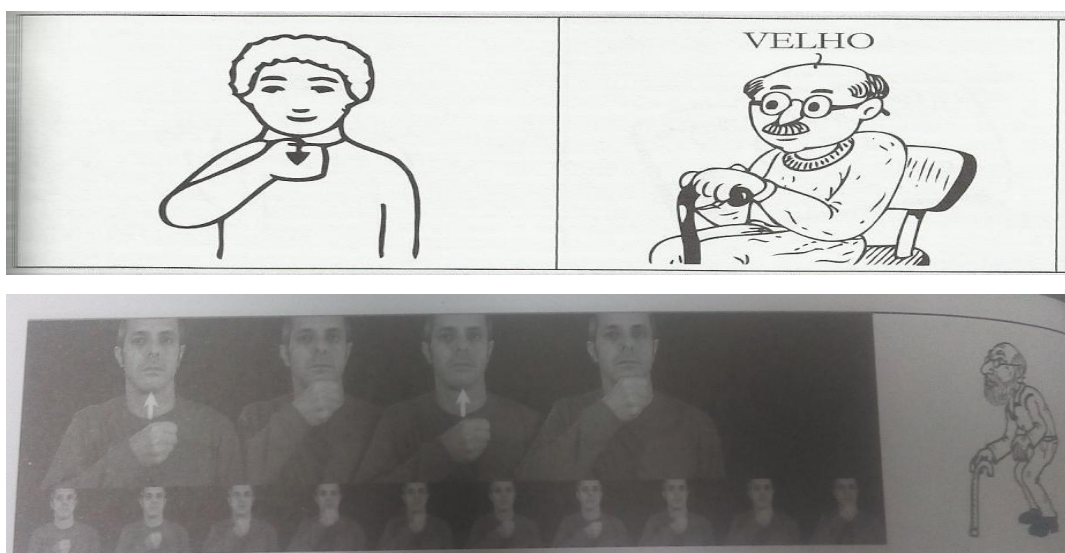
No estado de Curitiba para fazer esse sinal, primeiro faz-se o sinal de homem (ver exemplo 01), em seguida CM: mão entre aberta, uma voltada para outra, PA: na altura do peito, frente a barriga, M: fechar a mão.





<https://www.youtube.com/watch?v=6kGQIF7Cm4c>

Em São Paulo a CM: mão em “S” palma para dentro, PA: tocando o queixo, M: aproximar e afastar duas vezes, O: para cima e para baixo.



Nesse caso observamos que a variação entre os dois estados ocorreu desde a configuração de mãos aso movimentos, enquanto em Curitiba usa-se as duas mãos, em São Paulo penas uma, no primeiro as mãos ficam entre abertas, no segundo fechadas, CM: em S, o ponto de articulação também mudou, em um é na altura do peito, frente á barriga, ou outro no queixo.

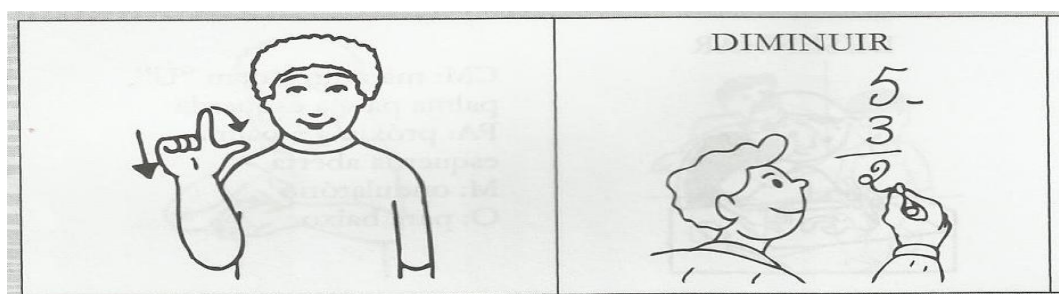
Exemplo 03: sinal “diminuir”

Em Curitiba o sinal “diminuir” é representado com a mão aberta na altura do peito com movimentos pra baixo.



<https://www.youtube.com/watch?v=5G6TYAZ2NyA>

Em São Paulo esse sinal “diminuir” é feito com a CM: mão em letra “L”, palma para fora, PA: ao lado do corpo, M: fechando os dedos, O: para baixo.



Nesse outro exemplo podemos notar a presença da variação que ocorre entre os estados ao representar os sinais. A configuração das mãos e os movimentos se dão de forma diferenciadas, enquanto um representa esse sinal com a mão aberta na altura do peito, com movimento de descer, o outro é representado com a mão em “L” para fora, na altura do corpo fechando os dedos para baixo.

Exemplo 04: sinal do mês de “março”

Para Curitiba temos dois exemplos do sinal do mês de “março”, o primeiro CM: mão aberta, PA: tocando o pescoço, M: balançando; o segundo é feito com a

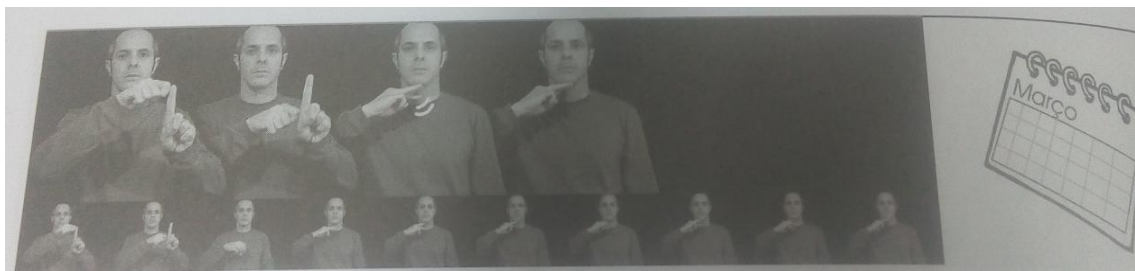
configuração da mão na letra “M”, logo em seguida faz-se a configuração das letras “Ç” e “O”.



<https://www.youtube.com/watch?v=9baJYoQrXVg>

Em São Paulo faz-se sinal de mês, em seguida a configuração da mão direita na letra “U”, com a palma para baixo, PA: encostar no queixo, M: afastar e oscilar os dedos, O: para frente.

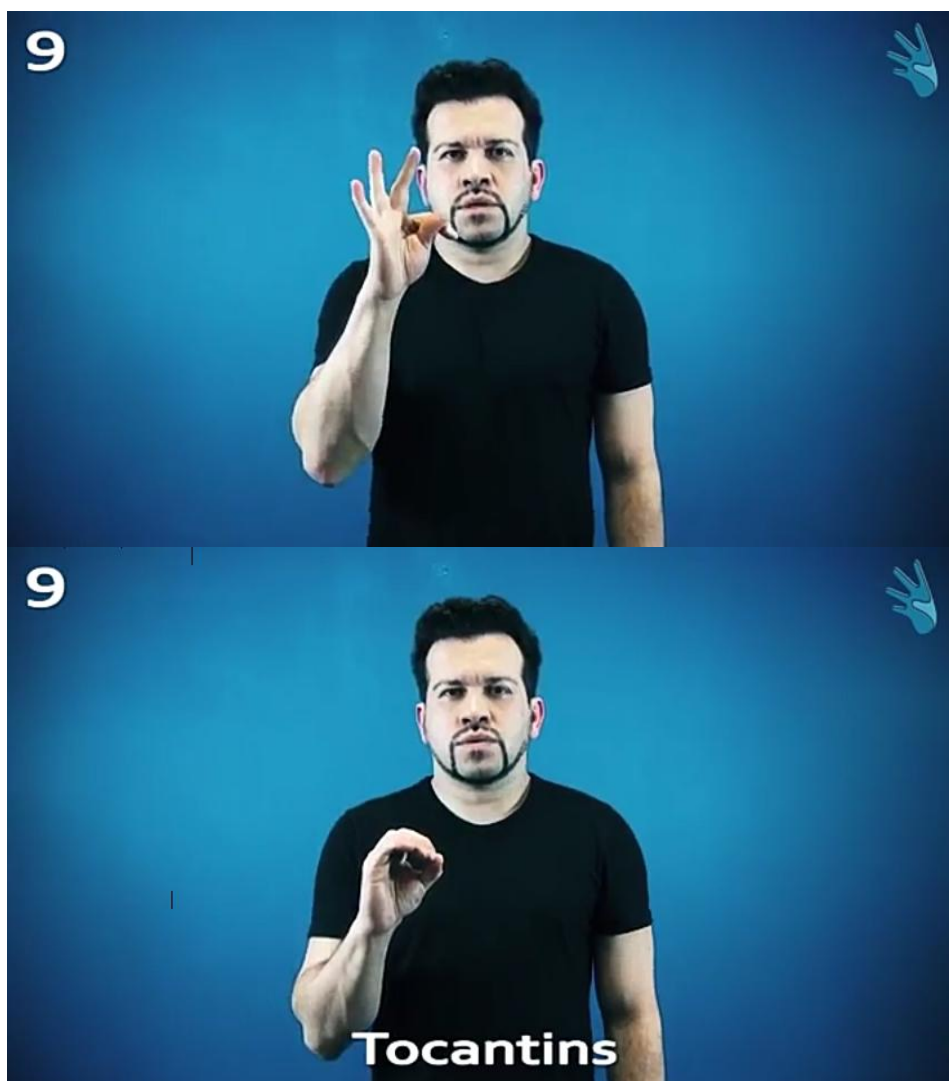




Observamos que no estado de Curitiba faz-se dois sinais para representar a palavra “março”, e ambos sinais varia em relação ao que é feito no estado de São Paulo. Muda-se tanto a configuração das mãos, quanto o ponto de articulação e o movimento.

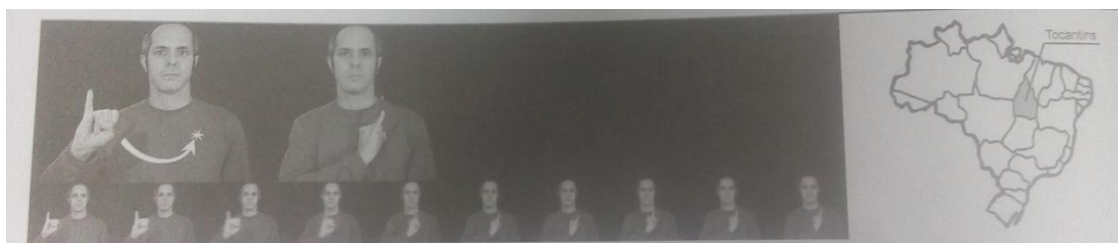
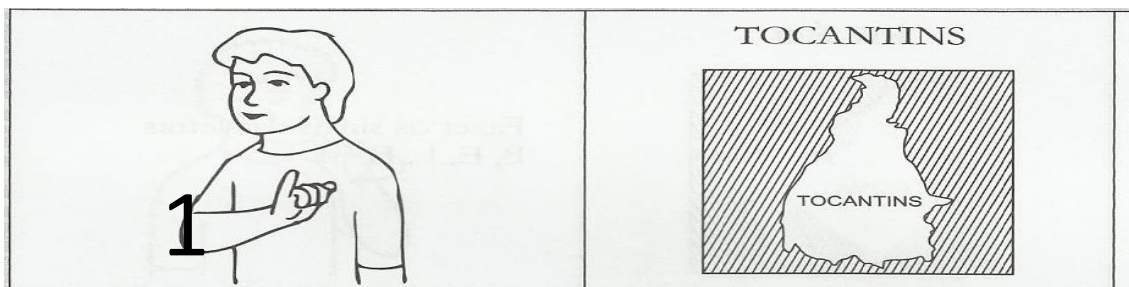
Exemplo 05: sinal de “Tocantis”

Em Curitiba o sinal do estado de Tocantins a CM: em “T” e em seguida configura-se a mão na letra “O”.



<https://www.youtube.com/watch?v=ayeBDqCIUEI>

Já em São Paulo CM: em “Y”, palma para a esquerda, PA: à frente, M: com aproximar e afastar, O: para dentro e para fora.



Nesse outro exemplo pudemos ver que houve variação entre os estados, se deu principalmente ²através da configuração das mãos e do movimento.

Exemplo 06: sinal de “verde”

Em Curitiba o sinal verde pode ser representado de duas formas, CM: em “V” sobre a mão esquerda fechada, M: vai e vem; ou com o polegar e o indicador abrindo e fechando na altura do nariz.

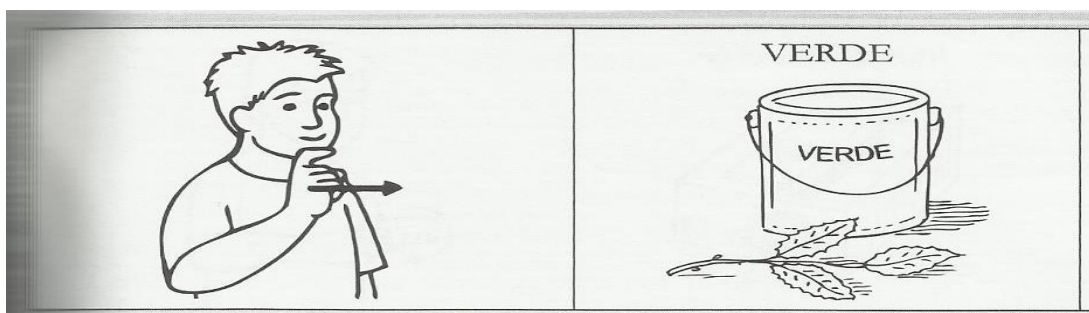


OU



<https://www.youtube.com/watch?v=KpcorT8rK5Q>

Em São Paulo CM: em “X” com palma para a esquerda, PA: tocar o queixo, M: afastar, O: para frente.



Podemos observar que nesse exemplo também há duas formas de fazer um único sinal no estado de Curitiba, mas nenhum dos sinais é igual ao que é feito no estado de São Paulo.

.

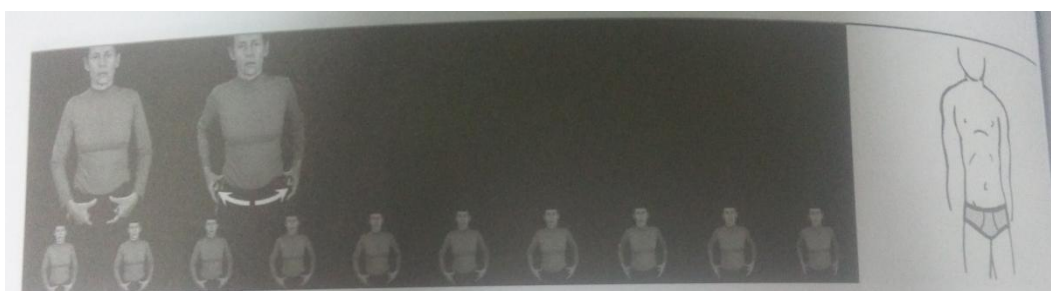
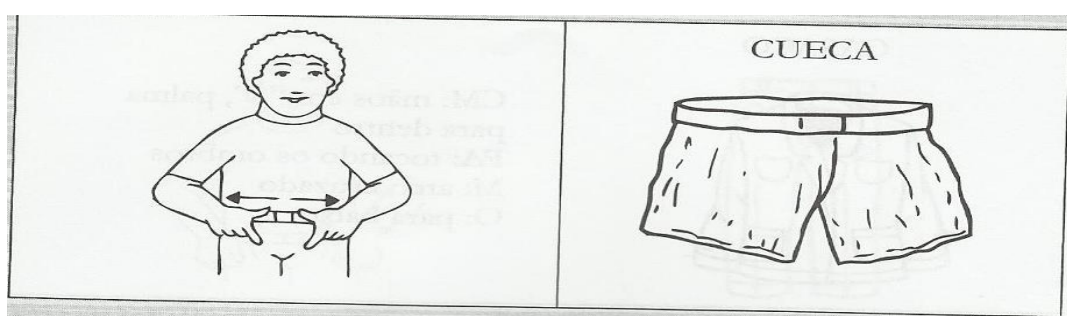
Exemplo 07: sinal de “cueca”

Em Curitiba faz-se esse sinal com CM: em “V”, PA: o queixo, O: trazer a mão da esquerda para direita.



<https://www.youtube.com/watch?v=KpcorT8rK5Q>

Em São Paulo CM: em “L”, dedos flexionados, palma para dentro, PA: tocando a região pélvica, M: afastar deslizando, O: para os lados opostos.



A variação nesse sinal é bastante nítida, muda-se desde a configuração das mãos à movimento orientação. O mesmo ocorre no exemplo abaixo.

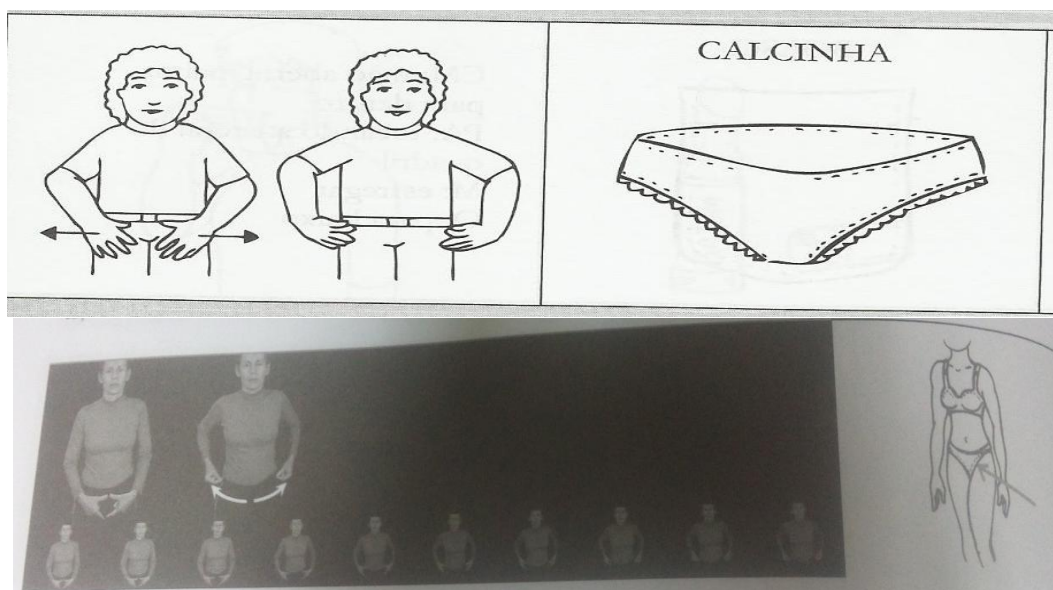
Exemplo 08: sinal de “calcinha”

No estado de Curitiba esse sinal é feito com CM: “V”, PA: a boca, O: trazer a mão da esquerda para direita.



<https://www.youtube.com/watch?v=KpcorT8rK5Q>

No nosso outro estado comparativo, o sinal de “calcinha” é feito com CM: mãos abertas, PA: tocando a região pélvica, M: afastar e unir o polegar e o indicador, O: para os lados opostos.



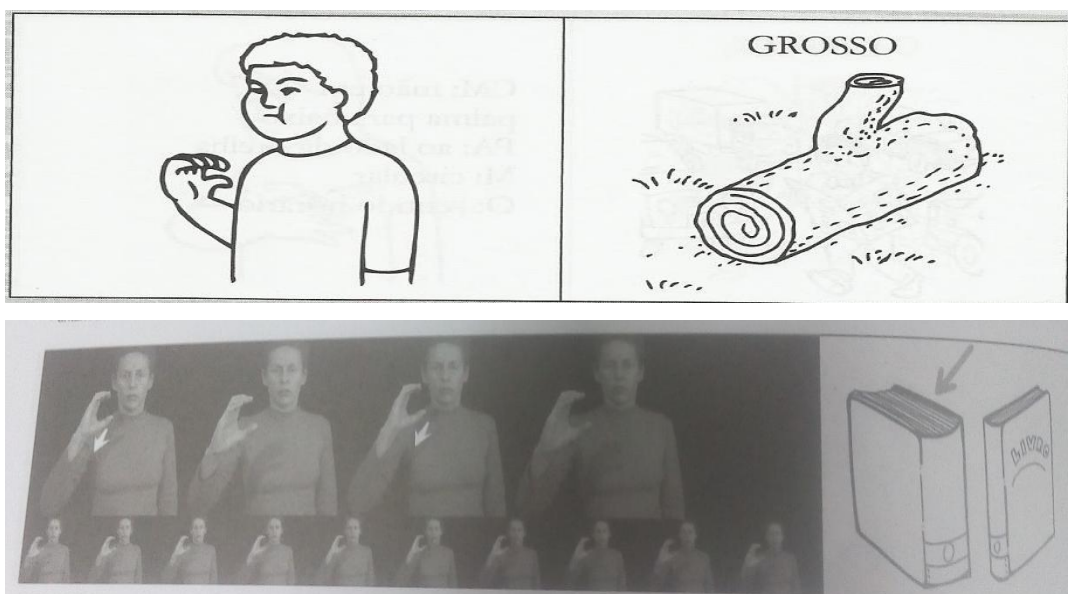
Exemplo 09: sinal de “grosso”

Em Curitiba CM: mãos abertas, PA: a altura do pescoço, M: de fora para dentro, EF/C: as bochechas infladas.



<https://www.youtube.com/watch?v=KpcorT8rK5Q>

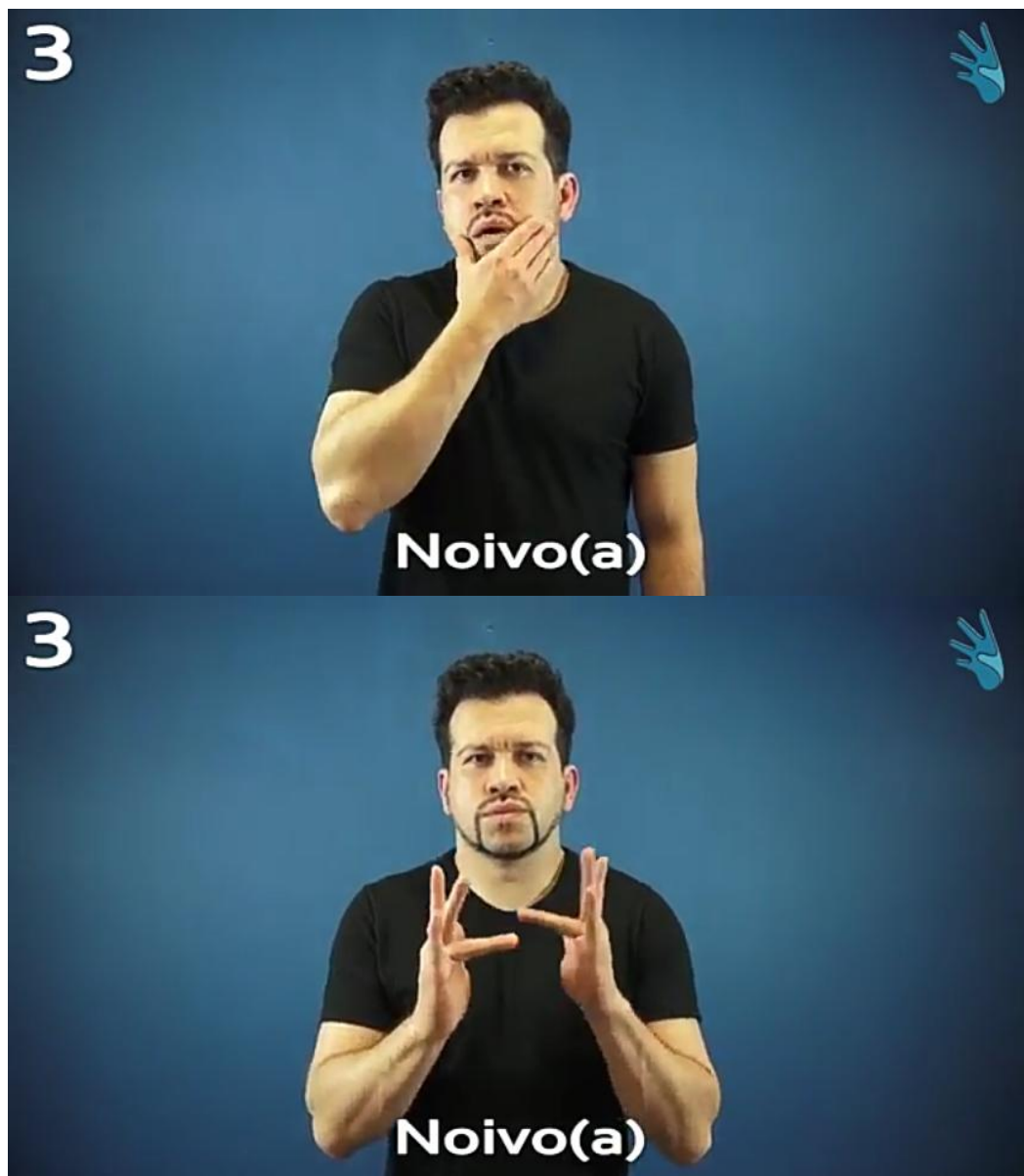
Em São Paulo CM: em “C”, palma para a esquerda, PA: à frente, M: sem movimento, O: sem orientação, EF/C: bochechas infladas.



Nesse caso podemos observar que houve variação na forma como o sinal é feito, representado, mas em relação à expressão facial, não varia, ambos possuem a mesma expressão.

Exemplo 10: sinal de “noivo”

Em Curitiba primeiro faz-se o sinal de homem (ver primeiro exemplo), em seguida CM: mãos abertas, uma em frente à outra, com os dedos do meio de cada mão inclinados para frente, PA: altura do peito, M: girar.



<https://www.youtube.com/watch?v=6kGQIF7Cm4c>

Em São Paulo também faz-se o sinal de homem, CM: em “B” com palma para frente, PA: ao lado do corpo na altura dos ombros, M: aproximar o polegar do dedo médio, O: para a frente e para trás.





Nesse exemplo também é possível ver que houve variação na forma como os sinais são feitos. A semelhança está no primeiro passo para fazer o sinal, ambos fazem o sinal de homem, em seguida cada estado faz uma representação diferente. Enquanto que em Curitiba usa-se as duas mãos, em São Paulo usa-se apenas uma, o movimento também diferencia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa procuramos estudar as variações linguísticas (variante diatópica) presentes na LIBRAS, comparadamente com a língua padrão, disponível no dicionário, Brandrão (2011). Sabe-se que essa língua foi reconhecida oficialmente em nosso país como nossa segunda língua a pouco tempo, abril de dois mil e dois. Dessa forma, entende-se que antes não era vista como uma língua, mas como uma forma de comunicação entre os surdos, no entanto, após seu reconhecimento e alguns estudos essa concepção foi mudando. Pois a língua de sinais possui um sistema linguístico complexo, uma estrutura gramatical própria, é uma língua completa como qualquer outra língua oral, é uma língua viva (usamos esse termo para todas as línguas em uso), heterogênea, sujeita a mudança, por isso, a importância de estudarmos as variações presentes nessa língua, mostrando assim que, embora seja uma língua visual espacial possui uma magnitude linguística como as demais línguas orais.

Em nosso estudo foi-se necessário fazermos uma pesquisa bibliográfica, usamos dois livros de estados diferentes, Sul e Sudeste e o dicionário (o nosso suporte como língua padrão). A partir daí, fizemos um estudo comparativo, mostrando as variantes diatópicas (variantes regionais, nesse caso, a variação ocorre de região para região, estado para estado) existentes na LIBRAS.

Colhemos dez amostras de sinais como exemplos e comparamos os sinais do Sul com os sinais encontrados no dicionário (a língua padrão) do Sudeste. A partir daí pudemos observar que ocorre variação. Vimos que diferente das línguas orais (que a variação se dá através dos fonemas, do sentido das palavras) a variação na LIBRAS se dá através dos parâmetros curriculares, o que muda/varia não são as palavras em si, mas a forma como os sinais são apresentados, a configuração de mão, o ponto de articulação, a expressão facial são essenciais para entendermos essas variações.

Portanto, percebemos que a LIBRAS é uma língua completa, e assim como qualquer outra língua também possui variação. Ressaltamos também a necessidade de maior estudo, visibilidade nessa área, visto que, os estudos a cerca desse assunto ainda são poucos. Nossa maior dificuldade se deu por falta de materiais disponíveis sobre as variações presentes na língua de sinais. Por isso, mais uma vez salientamos a relevância desse trabalho para o meio acadêmico, a fim de que

mais pessoas possam conhecer e entender a complexidade que há na Língua Brasileira de Sinais.

REFERÊNCIAS

- AURO, R. J. (org.) *Metodologia Científica*. 4ª ed. Grupo Tiradentes, Série Bibliográfica. Aracaju, UNIT, 2011.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é e como se faz*. 49ª edição. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa*. 7ª ed. Rio de Janeiro, 2009.
- BRADÃO, Flávia. *Dicionário Ilustrado de LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais*. 1. Ed. São Paulo: Editora Global, 2011.
- BRASIL. *DECRETO 5626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o artigo 18 da Lei nº 10098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 26/12/2017 as 15h:13min.
- BRASIL. *Secretaria de Educação Básica*. Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino médio: Parte II – linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2000. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 26/12/2017 as 16h:16min.
- CAPOVILLA, F. C. e RAPHAEL, W. D. *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em LIBRAS*. Volume 2. Editora da universidade de São Paulo 2009.
- FELIPE, Tanya A; e MONTEIRO, Myrna S. *Libras em Contexto: curso básico livro do professor*. 6ª edição. Brasília 2007. Disponível em: http://www.faseh.edu.br/biblioteca/_arquivos/acervo_digital/Libras_em_contexto_Livro_do_Professor.pdf. Acesso em: 13/12/2017 as 11h:19min.
- FERREIRA, Lucinda. *Por uma Gramática línguas de Sinais*. 2º ed. 2010.
- GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. 1ª ed. Parábola Editorial, São Paulo. 2009.
- FILHO, V. M.; e VELOSO, E. *Aprenda LIBRAS com Eficiência e Rapidez*. Volumes 1 e 2. 8ª ed. Curitiba 2009. Editora Mãos Sinais.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre 2004.
- HONORA, Márcia; e FRIZANCO, Mary. L. E. *Livro Ilustrado e Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- HONORA, Márcia; e FRIZANCO, Mary. L. E. *Livro Ilustrado e Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
- MASSINI-Cagliari, Glodis. *O texto na alfabetização: coesão e coerência*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SILVA, V. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Relevância das Variações Linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2003 (p. 67-71).